

# A INCIDÊNCIA DO HIV EM PACIENTES IDOSOS

**Liliane Dalla Lasta<sup>1</sup>**  
**Juliana Silveira Bordignon<sup>2</sup>**  
**Caroline Pacheco Araújo<sup>3</sup>**  
**Emanuelli Mancio Ferreira<sup>4</sup>**  
**Elaine Miguel Delvivo Farão<sup>5</sup>**  
**Terezinha Weiller Heck<sup>6</sup>**

## RESUMO

O presente trabalho evidencia a vivência do idoso no processo de envelhecer com HIV/AIDS. Juntamente com o aumento de idosos no Brasil e mundo devido ao aumento da expectativa de vida, cresce também o número de infecções pelo HIV/AIDS em pessoas com 60 anos ou mais, resultando na mais nova característica da epidemia. Este é um estudo que consiste em uma revisão bibliográfica que tem como objetivo identificar o perfil epidemiológico dos casos AIDS no Brasil e servir de alerta para a importância do tratamento, já que é grande o número de mortes entre pessoas com HIV. Ocorreu um aumento da taxa de incidência entre indivíduo com mais de 60 anos a partir do ano de 2006. A importância da realização de ações de prevenção e orientação sobre o tema com os idosos, diminuiria a disseminação da doença nesta faixa etária.

**Palavras-chave:** HIV; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; Idosos.

<sup>1</sup> Apresentadora. Enfermeira. Membros do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva-GEPESC/UFSM. E-mail: lildalla@hotmail.com.

<sup>2</sup> Acadêmica do 3º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista FIEX. Membros do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva-GEPESC/UFSM. E-mail: jubordignon1@hotmail.com.

<sup>3</sup> Acadêmica do 4º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Membros do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva-GEPESC/UFSM. Bolsista do Programa de Educação Tutorial- PET do curso de Enfermagem/UFSM/RS. E-mail: nine\_pach@hotmail.com.

<sup>4</sup> Acadêmica do 5º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria(UFSM). Membros do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva-GEPESC/UFSM. E-mail: emanuelli\_ferreira@hotmail.com.

<sup>5</sup> Enfermeira Residente da Residência Multiprofissional da Universidade Federal de Santa Maria. Membros do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva-GEPESC/UFSM. E-mail: elainebiofis@yahoo.com.br.

<sup>6</sup> Orientadora. Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Profª Adjunto do Dep. de Enfermagem/UFSM. Membros do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva-GEPESC/UFSM. E-mail: weiller2@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), mais conhecida como AIDS é uma doença causada pelo vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), que destrói as células de defesa tornando o indivíduo mais vulnerável a infecções e doenças oportunistas. Alguns estudos relatam que o avanço da epidemia tem ocorrido, em maior número, nos grupos sociais de maior vulnerabilidade. Incluem-se nesse grupo as mulheres e os idosos. Estima-se que, no Brasil em 2003, cinco milhões de pessoas foram infectadas pelo HIV, sendo que 3 milhões de pessoas foram a óbito, infectadas pelo HIV. Em 2005 atingiu-se a marca de 40 milhões de indivíduos com HIV/AIDS (PEREZ; GASPARINI, 2005).

Os dados epidemiológicos são alarmantes. Estima-se que em 2007 existiam 33,2 milhões de pessoas infectadas pelo HIV no mundo (UNAIDS, 2007). Ao longo dos últimos dez anos, o contingente de indivíduos com 60 anos de idade ou mais no Brasil aumentou 35,5%, passando de 10,7 milhões para 14,5 milhões. Estima-se que nas próximas duas décadas esse grupo de brasileiros represente 13% da população. Atualmente, com os avanços da medicina aliada à indústria farmacêutica, vem permitindo o prolongamento da expectativa de vida e aumento da vida sexual ativa, o que tornou as pessoas na “terceira idade” mais vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas, a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV).

As doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), incluindo a AIDS estão entre os problemas mais comuns de saúde pública em todo mundo. O Ministério da Saúde já confirmou, através de pesquisas, sobre as alterações no comportamento sexual do idoso, a informação é de que 67% da população entre 50 e 59 anos de idade se dizem sexualmente ativa. Mesmo diante desta realidade, profissionais da área da saúde ainda têm resistência em associar a aids aos idosos.

A sexualidade na terceira idade é um tema pouco conhecido e menos entendido pela sociedade, pelos próprios idosos e pelos profissionais da saúde. A crença de que o avançar da idade e o declinar da

atividade sexual estão inexoravelmente ligados, tem sido responsável pela pouca atenção dada a uma das atividades mais fortemente associadas à qualidade de vida, como é a sexualidade (FIGUEIREDO, 1994; 2000).

Este trabalho tem por objetivo servir de alerta aos profissionais de saúde a cerca da saúde do idoso, salientando a importância do tratamento da AIDS, já que o número de óbitos por essa doença é elevado.

## METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de revisão bibliográfica de autores que discorrem sobre a temática da “incidência de HIV em pacientes idosos”. O presente trabalho consultou bibliografias nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde, tendo como critério de inclusão trabalhos publicados a partir do ano de 2005, em língua portuguesa, usando de trabalhos que se apresentassem de forma completa, tendo como descritores da pesquisa os termos “HIV”, “Síndrome da Imunodeficiência Adquirida” e “Idosos”.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Política Nacional do Idoso foi instituída através da Lei n.º 8.842, de 04/11/94 e regulamentada através do Decreto n.º 1948, de 03/07/96, com o objetivo de proteger esse segmento da população.

No Brasil, a AIDS foi identificada pela primeira vez em 1980 e o número de casos cresceu rapidamente. Até junho de 2007, foram identificados 474.273 casos, sendo 43.388 no Rio Grande do Sul (BRASIL, 2007). A prevenção da contaminação pelo HIV é difícil no idoso, geralmente pelas mesmas razões que tornam seu diagnóstico tardio. Os profissionais de saúde raramente consideram doenças sexualmente transmissíveis nessa faixa etária. Em cidades norte-americanas com baixa prevalência de HIV, 96% dos entrevistados com 50 ou mais anos nunca haviam sido testados para o HIV, enquanto, em locais com alta prevalência da

moléstia, esse número mostrou-se também alto: 93%. Indivíduos idosos apresentam menor conhecimento sobre o HIV e menor preocupação com a AIDS quando comparados aos jovens e menos de 11% dos entrevistados com 50 anos ou mais que haviam discutido alguma vez a questão da AIDS com seu médico.

Considerar a sexualidade em idosos como algo saudável e natural está longe de ser compreendida e aceita pela sociedade. O preconceito, aliado à falta de informação, reforça o estereótipo da velhice assexuada, determinando atitudes e propensões comportamentais que exacerbam a vulnerabilidade do idoso para as Doenças Sexualmente Transmissíveis e, entre elas, a aids. Apesar dos recursos imensos que já foram mobilizados para controlar a epidemia, a questão do estigma continua no centro de toda a luta contra a pandemia global de aids. O conjunto de reações sociais, culturais, individuais e políticas que a Aids despertou no mundo foi considerado preocupante, e ainda hoje representa um dos maiores desafios na luta contra a doença. Tais respostas revelaram uma epidemia de medo e discriminação, inclusive no mundo científico. Apesar da aids ser considerada uma enfermidade que pode acometer indivíduos de uma sociedade como um todo, um grupo específico da população vem sendo negligenciado, tanto em termos de acesso a informação quanto suporte social e serviços de referência especializados no trato de HIV/Aids – os idosos. (FIGUEIREDO, 1994; 2000).

Indivíduos idosos apresentam menor conhecimento sobre o HIV e menor preocupação com a AIDS quando comparados aos jovens e menos de 11% dos entrevistados com 50 anos ou mais que haviam discutido alguma vez a questão da AIDS com seu médico.

A dificuldade de comunicação entre médico e paciente sobre a AIDS e sua prevenção é um dos fatores que mais dificultam a adequada prevenção da AIDS nesta faixa etária. A realização de testes laboratoriais para HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis e o uso de preservativos devem ser discutidos e estimulados entre a população idosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo percebemos que há um grande número de casos de HIV/AIDS, na população idosa e necessita de uma maior atenção a esse grupo. É necessário promover um melhor atendimento a essa população e seus familiares sobre a doença, sanando suas dúvidas, inquietações e orientando sobre o assunto.

É importante enfatizar que o idoso deve ser atendido sem discriminação independente do nível de escolaridade, poder aquisitivo, orientação sexual e seu estilo de vida. Deve-se também evitar o diagnóstico tardio, pela morbimortalidade associada.

A intensificação de medidas de prevenção e atenção aos idosos não somente no sentido de ser oferecida orientação aos profissionais de saúde que o atendem, assim como de ajudar no tratamento e na convivência com os idosos com HIV/AIDS a vencerem a culpa e discriminação que sofrem por eles mesmos e pela comunidade na qual estão inseridos.

Sendo a AIDS hoje uma realidade preocupante, devemos prevenir a população desenvolvendo com os profissionais de saúde uma prática na qual seja compreendida e problematizada a situação na qual o idoso se encontra com essa patologia. É necessário que os profissionais de saúde estejam atentos a essa faixa etária da população, e que proporcionem espaços para que sejam abordadas questões sobre sexualidade e DST/AIDS com os idosos.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Vera Lucia Borges de et al. Características da AIDS na terceira idade em um hospital de referência do Estado do Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.10, n.4, p. 544-54, 2007.
- BRASIL. Estatuto do Idoso (1996). Lei n. 8.842, de 4 de novembro de 1994. Brasília: Senado Federal.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico – AIDS e DST. Ano IV, n. 1 – 01<sup>a</sup> – 26<sup>a</sup> de 2007 – semanas epidemiológicas. Janeiro a junho 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde, n. 19. 2006.192p.

DATASUS Informações de Saúde: Epidemiológicas e Morbidade – Doenças de Notificação: Aids desde 1980 – Ministério da Saúde. In: [www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br). Acesso em 07 de junho de 2011.

FIGUEIREDO, Marco Antonio de Castro; PROVINCIALI, Renata Maria Provinciali. **HIV/AIDS em pessoas idosas. Vulnerabilidade, convívio e enfrentamento.** Disponível em: <http://www.aidscongress.net/pdf/280.pdf> Acesso em 08 de junho de 2011.

FIGUEIREDO, M.A.C. Profissionais de Saúde e atitudes frente à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids). Um estudo diferencial com base no modelo afetivo/cognitivo de Fishbein/Ajzen. 1994. 132fls. Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1994.

PEREZ, B.F.A; GASPARINI, S. M. A vivência do idoso no processo de envelhecer e o HIV/AIDS: uma reconstrução dupla com suas possibilidades e limites. *J.B.A*, São Paulo, v.6, n.3, 2005.

WHO. World Health Organization. Disponível em: <http://www.who.int/en>. Acesso em: 06 junho de 2011. Acesso em 08 de junho de 2011.

UNAIDS. ONUSIDA. Programa Conjunto de las Naciones Unidas sobre el VIH/Sida (ONUSIDA) y Organización Mundial de la Salud (OMS) 2007.